SINOPSE
COMO UM CARROSSEL

O que é a vida?...é andar sempre à volta do sol, como um carrossel à volta do sol.

Como um Carrossel, conta a história de uma menina que vai crescendo numa espécie de viagem ao longo da qual muitas perguntas são lançadas e estimulam a sua relação com o mundo. O público viaja através do olhar aberto dessa menina e da forma espontânea como se relaciona com a vida.

Escrito e encenado por João Paulo Seara Cardoso (1956-2010) em 2006 para o Teatro de Marionetas do Porto, Como um Carrossel é uma nova criação com base no texto Como um Carrossel à Volta do Sol. Nesta nova versão, além de uma reescrita, foram incluídos momentos em Língua Gestual Portuguesa, num gesto de aproximação a mais pessoas.

Esta peça representa a caminhada pela vida, entre a alegria e a tristeza, o medo e a esperança, um texto que incentiva o voo imaginativo das crianças.

FICHA ARTÍSTICA
COMO UM CARROSSEL

Encenação e cenografia
Isabel Barros

Texto
João Paulo Seara Cardoso

Marionetas e animação
João Apolinário e Francisco Magalhães

Música
Carlos Guedes

Desenho de luz
Filipe Azevedo

Adaptação para Língua Gestual Portuguesa
Joana Cottim

Interpretação
Micaela Soares e Vítor Gomes

Produção
Sofia Carvalho

Design gráfico e assistência de produção
Pedro Ramos

Operação de luz, som e vídeo
Filipe Azevedo

Técnicos de construção
João Pedro Trindade e Rosário Matos

Confeção de figurinos
Cláudia Ribeiro e Marlene Rodrigues

Cabeleireira
Cristina Soares

Fotografia de cena
Susana Neves

Coprodução
Teatro de Marionetas do Porto e Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery

RIDER TÉCNICO
COMO UM CARROSSEL

Palco

6,5m - Boca de cena (min.)
7,5 m - Profundidade (min.)
5,5 m - Altura (min.)
Cena negra - Cena à italiana, com 8 pernas e 1 fundo negro ***(ver planta em anexo)***
Chão negro ou linóleo negro
Ciclorama (mínimo 6 m x 3,5 m)

Luz

Dimmers digitais - 71 circuitos - protocolo de comunicação DMX 512
Mesa de Luz grandMA 2 Ultra Light ***(material da companhia)***
Varas de Luz ***(ver planta em anexo)***
Filtros de Luz ***(material da companhia)***

Projetores:

6x Recortes 1Kw 12º/28º (com facas e porta filtro)
21x Recortes 1Kw 23º/50º (com facas e porta filtro)
26x PC 1Kw (com palas e porta filtro)
5x PAR 64 1Kw (3x CP62 | 2x CP60) (com porta filtro)
13x Espalhadores Assimétricos (com porta filtro)

Som

2x Monitores colocados no palco (direita e esquerda)
Sistema de som adequado à sala
Mesa de som mínimo 4 canais ***(material da companhia)***
2x Microfones de lapela

Vídeo

1x Projector de vídeo Optoma ***(material da companhia)***
Ligação teia régi com cabo VGA ***(material da companhia)***

Bastidores

2 camarins individuais ou 1 coletivo

Montagem

12 horas (3 turnos de 4horas)
Desmontagem e carga:
2 horas

STAFF NECESSÁRIO
COMO UM CARROSSEL

- 2 carregadores para descarga e carga
- Técnico de luz
- Técnico de som

PLANO DE TRABALHO

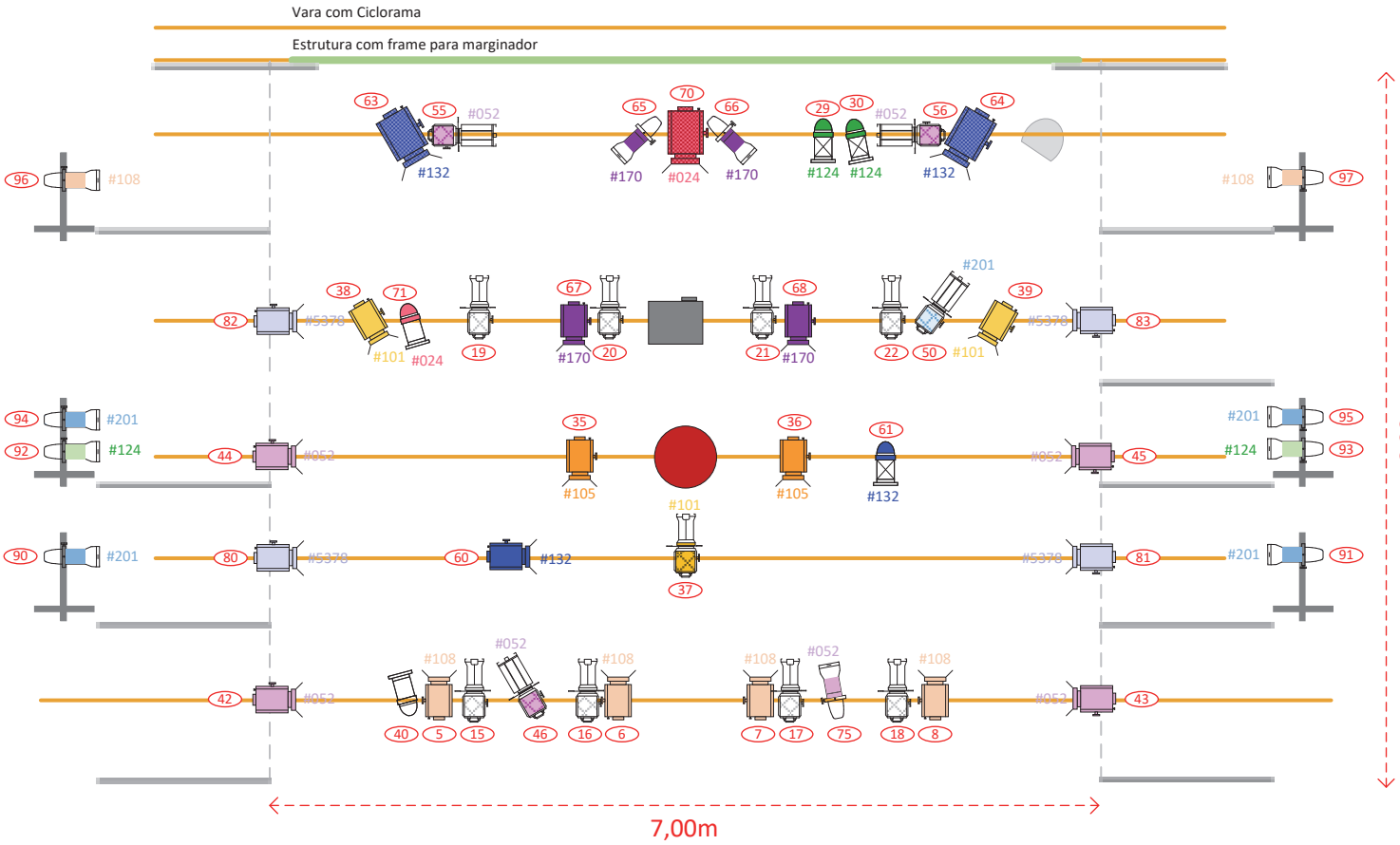
	CENOGRAFIA	CENA NEGRA	LUZ	SOM
1º TURNO **4h**	MONTAGEM	MONTAGEM	MONTAGEM	MONTAGEM
2º TURNO **4h**		AFINAÇÃO	AFINAÇÃO	AFINAÇÃO E TESTES
3º TURNO **4h**			PROGRAMAÇÃO E ENSAIO GERAL	ENSAIO GERAL

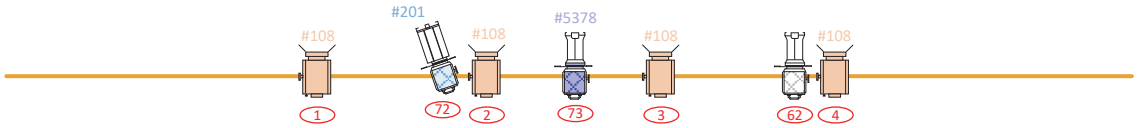
NOTAS
- Para iniciar a montagem o palco e a teia devem estar limpos e sem quaisquer equipamentos.

Duração do espectáculo: **50 minutos**
Classificação etária: **maiores de 3 anos**

Menções obrigatórias em todo o material promocional do espetáculo:
Estrutura financiada por República Portuguesa / Cultura e DGArtes
(com inserção de logotipos).
Coprodução Teatro de Marionetas do Porto e Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery

PLANTA DE LUZ
COMO UM CARROSSEL





19	ADB PC101 1KW 10º/65º
7	ADB FR201 2KW 12º/61º
11	Selecon Pacific 1KW 23º/50º
5	Selecon Pacific 1KW 12º/28º
11	ETC SourceFour 1KW 25º/50º
2	PAR 64 CP61 1KW
3	PAR 64 CP62 1KW
13	Espalhador Assimétrico 1KW

FOTOGRAFIA DE CENA
COMO UM CARROSSEL

FOTOGRAFIA DE CENA
COMO UM CARROSSEL

A segunda vida do marionetista

Os atores vivem muitas vidas, dizem. Cada papel desempenhado é uma vida nova, imaginada por dentro e por fora. O corpo do ator torna-se o papel. Os atores que trabalham com marionetas, não só vivem novas vidas, por dentro e por fora, mas também, além disso, desempenham papéis fora do próprio corpo, através dos objetos e formas que animam. Se alguém tem a experiência de sair do próprio corpo e ficar a ver-se de fora, são os marionetistas.

A diferença entre atores e atores-marionetistas é semelhante à diferença entre pais e mães. O corpo de uma mãe estende-se para fora de si mesmo, até que se desprende do corpo que lhe deu origem. Um pai pode apenas imaginar tal coisa. O teatro de marionetas, só por isso, já é uma forma de falar da criação de vida sem que seja preciso pôr nada em palavras ou por escrito.

A distância em relação aos atos praticada pelo marionetista é, em si, um ato de crescimento e de amadurecimento, que lembra os primeiros passos que se dão até entender que os outros são radicalmente diferentes de cada um de nós. Talvez por isso as marionetas sejam, em teoria, destinadas às crianças, que seriam as principais interessadas em aprender onde começa e acaba o corpo dos outros, onde acaba o corpo de criança e começa o corpo de adulto. Na prática, porém, a vida secreta das marionetas interessa tanto a miúdos quanto a graúdos. Pôr-se na pele do outro é um truque que nunca se aprende bem.

Não admira, por isso, que a sequência de encontros e conversas do texto deste espetáculo, que vão transformando a personagem central da peça, seja uma espécie de espiral sempre a subir cujo destino é a experiência de ser, ao mesmo tempo, "eus" e "outras", pequenos e crescidos, homens, mulheres.

E este "Como um Carrossel ", encenado por Isabel Barros, também é outro, em relação ao que começou por ser. Já deu mais uma volta, mais uma viagem, e distanciou-se do "Como um Carrossel à volta do Sol", escrito e encenado por João Paulo Seara Cardoso (1956-2010) estreado em 2006. Os cortes e os acrescentos, as rachaduras e as infiltrações, o ruído, as interferências, dão conta do tempo que passou e da diferença entre o que é e o que era. Onde havia um menino, agora é uma menina, que no fim vai deixar de ser isso também, para procurar um outro a quem se unir. O teatro é a forma ritual da diferença e o teatro de marionetas parece ser a melhor maneira de mostrar como o desejo de mudança, embutido nos corpos e nos objetos animados, pode ser realizado, através do jogo de aproximação e distância do outro.

No teatro, o outro é tudo. Cada ator imagina outras ações para o seu próprio corpo. Cada ator-marionetista imagina ainda outras ações para outros corpos. Ambos atuam para outras pessoas, umas em cena, outras fora, mas cuja presença é suficiente para determinar o que se faz. A presença dos outros faz toda a diferença. Passamos pelos outros sem lhes conseguir tocar, como num carrossel olhamos e já deixamos de ver os olhos e o sorriso de quem nos trouxe até cá. Sobra o jogo das marionetas para nos lembrar.

Jorge Louraço

A escrita no invisível (Como um carrossel)

A companhia Teatro de Marionetas do Porto trouxe um espetáculo infantil que ilustra a metáfora de que "a vida é como um carrossel à volta do sol". O espetáculo que agora nos apresentam é uma nova versão sobre uma criação anterior de João Paulo Seara Cardoso intitulada Como um carrossel à volta do sol, apresentada em 2006. Algumas das alterações trazidas são a introdução de momentos em linguagem gestual portuguesa, a mudança do género da personagem principal e a reescrita do texto.

A personagem principal, uma menina curiosa "que não tinha pais e não sabia nada", faz perguntas e perguntas sobre tudo e mais alguma coisa, demonstrando a curiosidade infinita que as crianças têm sobre aquilo que as rodeia e o que imaginam que as pode rodear. É baseado neste pressuposto – a curiosidade e a imaginação das crianças -, que as histórias, fantasiosas e a apelar ao imaginário infantil, se sucedem num palco vazio, enriquecido por adereços pontuais que ilustram a narrativa, trazidos para cena pelos atores. A luz de cena, da autoria de Filipe Azevedo, é delineada tanto por um ecrã, que acrescenta cor e figuras às falas dos atores, como por objetos iluminadores trazidos para palco, que conferem ao espaço cénico a intimidade e magia que é desejada no espetáculo, permitindo, ainda, criar cenários e ambientes diferentes, desde a floresta ao espaço sideral.

A personagem da menina tanto é representada por uma marioneta de desenho simples, pouco expressiva, com olhos parados e boca quase inexistente, como pela atriz Micaela Soares que lhe atribui o tom alegre e curioso associado à infância. O ator Vitor Gomes é a contracena da menina em todos os episódios: vestindo diferentes personagens vai contando a história da vaca azul (momento hilariante em que se fala numa "língua engraçada", que os adultos identificam como italiano), do senhor Apanhadinho ("que era muito rápido"), do senhor da nuvem ("que sai com a menina na cabeça"), do senhor dos pássaros e do senhor que "escrevia no invisível e a menina percebia tudo". Também é Vitor Gomes quem arranca os "oh!"s de espanto da plateia, com as suas coreografias hip-hop, pinos e saltos gímnicos, com que caracteriza as suas personagens, usando gestos e movimentos diferenciados.

Se a simpatia das crianças vai para as acrobacias, já os adultos ficam a sonhar com essa máquina maravilhosa, o "resolvedor de problemas", que resolve problemas bicudos, depois de arredondados e grandes, dividindo-os em bocados.

A linguagem gestual, para um público que a desconhece, é mais uma coreografia bonita do espetáculo e um momento em que tentamos adivinhar e compreender a "escrita no invisível".

Marta Rosa (com a colaboração de Mariana Rosa)

Sinais em linha

Teatro Taborda, 25 de maio de 2017